

PRODUÇÃO E VISIBILIDADE DA VERDADE EM “O ALIENISTA”

EUCANAÃ FERRAZ

Faculdade de Letras - UFRJ

ABSTRACT:

In “O alienista”, Machado de Assis brought into fiction the system of exclusion represented by the Brazilian psychiatry of the 19th century, satirizing the scientific discourse that is embodied by the main character, the physician Simão Bacamarte. The novella shows the production of truth, according to the process described in the 20th century by Michel Foucault. However, the narrative does not lead the reader into the asylum where the so-called mad are. Therefore, truth is not visible since the narrative only deals with part of the phenomenon of social exclusion: the visible part. The conflict takes place beyond the walls. Machado de Assis effectively plays with the absolute visibility, making caricatures that point out the rigidity, the mask and the stereotype of power.

O conto “O alienista”, de Machado de Assis, publicado em *Papéis avulsos*, convida o leitor, imediatamente, à pesquisa dos vínculos entre a matéria narrada e o sistema de exclusão constituído pela psiquiatria brasileira do século XIX; a feição satírica do texto deixa clara sua crítica ao discurso científico, encarnado na figura do personagem principal, o médico Simão Bacamarte.

Em *A razão cética*, Kátia Muricy trata da medicalização social empreendida durante o século passado e mostra o quanto Machado de Assis se posicionava criticamente às correntes científicas da época, em especial à psiquiatria. O ceticismo machadiano é mostrado como uma força demolidora das mitologias liberais, assentadas na urbanização e normalização da vida social brasileira. Não apenas “O alienista”, mas o romance machadiano como um

todo, é analisado por Katia Muricy como reação aos princípios naturalistas, constituindo-se como uma espécie de texto negativo, de "escritura de resistência capaz de revelar criticamente os objetivos totalizadores da estratégia médica reguladora do social ou, no mínimo, a validade de suas pretensões universais" (Muricy, 1988:40). Ao se debruçar sobre a medicina social e psiquiátrica brasileiras, devidamente situadas no contexto de suas influências internacionais, o estudo compõe um painel que funciona perfeitamente como contraponto histórico e cultural no diálogo com o texto de Machado. Desse modo, "O Alienista" surge exemplarmente como "crítica corrosiva e bem humorada" aos mitos da ciência da época, presentes todo o tempo numa leitura que acompanha passo a passo o desenrolar da narrativa.

Ainda quanto a este processo, que chamaremos de *produção* da verdade, cabe anotar algumas observações feitas por Michel Foucault no ensaio "A casa dos loucos" (1979:113-128). Partindo da idéia de que há uma *geografia* e uma *cronologia* da verdade, ele afirma que a primeira está relacionada com a idéia de que a verdade não nos espera em um determinado lugar, bastando, para encontrá-la, nossa ação e habilidade; ao contrário, diz que a verdade "tem instantes propícios, lugares privilegiados, não só para sair da sombra como para realmente se produzir" (FOUCAULT, 1979:113). Desse modo, Foucault (1979:113) tratará das práticas sociais que concebem a geografia da verdade como "a dos espaços onde ela reside, e

não simplesmente a dos lugares onde nos colocamos para melhor observá-la".

Delfos - local mitológico no qual a verdade se manifestava por meio do diálogo entre deuses e mortais - é apontado como um exemplo dessa geografia, que, com o tempo, foi sendo deslocada. Desde já, como não pensarmos em "O alienista"? A Casa Verde - e aqui a literatura apenas repete no nível ficcional a realidade das grandes estruturas hospitalares instaladas durante o século XIX - exercia exatamente a função do oráculo. Ao construir sua casa de internação, o doutor Simão Bacamarte erguia um templo que ditava implacável a verdade sobre a loucura e a razão e convertia a si mesmo numa espécie de deus todo poderoso.

Sobre a possível cronologia da verdade, diz Foucault (1979:113): "é a das conjunções que lhe permitem se produzir como um acontecimento, e não a dos momentos que devem ser aproveitados para percebê-la, como por entre duas nuvens".

A partir da *geografia* e da *cronologia*, fazendo um levantamento dos locais, dos momentos e dos meios com que se produziu, poderíamos encontrar na história ocidental a constituição de uma *tecnologia* da verdade. Nos meios médicos do século XVIII, embora se estenda expressivamente na medicina psiquiátrica do século XIX, Foucault vai buscar um exemplo daquela cronologia: *a crise*. Nela, acreditava-se, a doença mostrava sua natureza profunda, já que despida de seus entraves. O médico, a fim de realizar uma análise mais completa do mal que atingia seu paciente, pas-

sava, portanto, a criar condições favoráveis para a crise. A verdade deixava de ser, desse modo, um *être-là*, com cronologia e geografia próprias, passando a acontecimento - produção.

Em "O alienista", o doutor Bacamarte está sempre a encontrar nos mínimos gestos dos moradores de Itaguaí a confirmação de suas teorias. A verdade, no entanto, só parece possível num estágio posterior: após o internamento. O isolamento, a submissão, a fragilidade do paciente seriam as condicionantes subentendidas no ato da internação, possibilitadoras da real aparição da doença, na crise.

Quando começa a se interessar pelo "caso" do albardeiro Mateus, diz o médico (1): "talvez padecesse do amor das pedras, mania que ele Bacamarte descobrira e estudava desde algum tempo" (p.265). No dia seguinte, o albardeiro é recolhido à Casa Verde. Sobre o poeta Martim Brito, lê-se: "Pobre moço!" Pensou o alienista. E continuou consigo: "Trata-se de um caso de lesão cerebral; fenômeno sem gravidade, mas digno de estudo..." (p.267). Ainda outro exemplo:

"Simão Bacamarte começou por meter o secretário na Casa Verde, e foi dali à Câmara, à qual declarou que o presidente estava padecendo da "demência dos touros", um gênero que ele pretendia estudar, com grande vantagem para os povos." (p.279)

A internação é sempre necessária. No primeiro exemplo, o albardeiro talvez padecesse do amor das pedras; no segun-

do, o caso era *digno de estudo*; e no terceiro, a doença era um gênero que ele *pretendia estudar*. Nos três casos, há tão-somente uma vaga teoria, uma desconfiança; suficientes, no entanto, para a internação, que, enfim, levaria à certeza, à verdade final. Espaço de reconhecimento e prova, o hospital aparece como lugar de produção da patologia, completando as teorias previamente estabelecidas para a produção da verdade. Com a internação, o doutor Bacamarte procurava, a um só tempo, isolar o elemento estranho e desequilibrador do espaço da razão e fazer florescer a doença até o momento da crise-verdade. Por meio deste elemento fundamental - a prova - o poder do alienista estaria consolidado e fortalecida a identidade Casa Verde/Delfos.

Esse pleno uso do poder sobre outrem surge instrumentalizado cientificamente como *investigação* ou *Inquérito*: seja na prática política, judiciária, religiosa ou médica, o investigador levanta fatos, ações, idéias, procurando as pistas que deverão levar à verdade final, embora o resultado do inquérito importe menos que o próprio exercício do poder/saber. Assim age o Doutor Bacamarte:

"(...) começou um estudo acurado e contínuo; analisava os hábitos de cada louco, as horas de acesso, as aversões, as simpatias, as palavras, os gestos, as tendências; inquiria da vida dos enfermos, profissão, costumes, circunstâncias de revelação mórbida, acidentes da infância e da mocidade, doenças de outra espécie, anteceden-

1 - Todas as citações do conto trarão, entre parênteses, o número da página conforme a edição da Obra Completa, v.II, 5ª ed. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1985.

tes na família, uma devassa, enfim, como a não faria o mais atilado corregedor. E cada dia notava uma observação nova, uma descoberta interessante, um fenômeno extraordinário." (p.258)

O conhecimento era alcançado, desse modo, por meio da total dominação do objeto pelo investigador. A devassa justificava-se pela obtenção da prova, num processo em que a verdade era apanhada em armadilhas; o que se tinha já não era mais o método, mas a estratégia: "(...) então, o alienista atacava outra parte, aplicando à terapêutica o método da estratégia militar, que toma uma fortaleza por um ponto, se por outro o não pode conseguir" (p. 285). Fazendo uso de todo poder sobre seu paciente, o médico saía sempre vencedor e fortalecido da batalha. O hospital psiquiátrico do século XIX era esse lugar de confronto, palco no qual se desenrolava, entre o médico e o paciente, "um processo de oposição, de luta e de dominação" (Foucault, 1979:122).

No processo de construção da verdade é fundamental, ainda, a classificação. O Doutor Bacamarte encarregava-se não só de ordenar o mundo dos sãos, retirando dele a ameaça dos loucos, como classificava e separava seus doentes, numa espécie de dominação máxima por meio do total conhecimento:

(...) "o alienista procedeu a uma vasta classificação dos seus enfermos. Dividiu-os primeiramente em duas classes principais: os furiosos e os mansos; daí passou às subclasses, monomanias, delírios, alucinações diversas." (p.257)

E ainda:

"Os alienados foram alojados por classes. Fez-se uma galeria dos modestos; isto é, os loucos em quem predominava esta perfeição moral; outra de tolerantes, outra de verídicos, outra de simplices, outra de leais, outra de magnânimos, outra de sagazes, outra de sinceros, etc." (p. 284)

Na prática asilar, tal procedimento classificatório era corrente. Foucault (1979:122) descreve-o dessa maneira: "assim se estabelece a função muito curiosa do hospital psiquiátrico do século XIX: lugar de diagnóstico e de classificação, retângulo botânico onde as espécies de doenças são divididas em compartimentos cuja disposição lembra uma vasta horta".

Mas se todo o trabalho de produção da verdade parece largamente narrado em "O alienista", também é certo que Machado de Assis praticamente não põe em cena os personagens recolhidos à Casa Verde após suas internações. Temos, desse modo, apenas a visão do momento em que o Doutor Simão Bacamarte localiza um sintoma de loucura e, em seguida, somos informados do recolhimento ao espaço asilar. Não há uma narração das adaptações e recusas dos personagens em face de um contrato imposto de modo absolutamente unilateral. A internação suspende, desse modo, todo o conflito, como se não houvesse quaisquer problemas no seu transcorrer, seja no convívio entre os pacientes, seja na reação individual de cada um no desenvolvimento do tratamento terapêutico ou no confrontar-se das pessoas consideradas sãs - o médico, empregados, visitantes e outros - com aqueles considerados loucos.

Eis, portanto, uma primeira observação quanto à visibilidade da verdade em "O Alienista": a narrativa passa ao largo de qualquer análise mais substancial dos comportamentos daqueles que foram recolhidos à casa de orates.

Em *Manicômios, prisões e conventos*, Irving Goffman (1974:150) observa que nas organizações formais organizadas em edifícios, os limites físicos podem ser "um aspecto incidental das organizações, e não um aspecto analítico". No caso de um hospício instalado sob o formato de uma unidade hospitalar tradicional, os muros têm um papel determinante, funcional, possuindo, portanto, um valor analítico.

Na ficção, os limites físicos das instituições - prisões, hospícios, escolas, etc. - podem ter, inicialmente, uma função ligada à verossimilhança, podendo alcançar maior ou menor força expressiva. Dentro desse aspecto temático, os muros da Casa Verde têm densidade analítica pois exercem o papel de limite entre a sanidade e a loucura: a separação absoluta do dentro e do fora dão a medida do papel discriminatório do saber psiquiátrico, instalado oficialmente e institucionalmente; e ainda, sugerem uma espécie de claustrofobia experimentada por detrás daquelas paredes silenciosas. Esse aspecto da visibilidade da verdade é relevante, mas será preciso avançar em sua interpretação para que ganhe força e valor analítico mais expressivos.

Conforme apontei anteriormente, a narrativa machadiana praticamente silencia quanto à vida dos reclusos na Casa Verde. Digo praticamente, porque em al-

gumas passagens a narrativa se volta para o lado de dentro. Um desses momentos está no Capítulo II, quando o narrador descreve os primeiros loucos recolhidos ali. Dentre eles, um supunha-se "a estrela d'alva"; outro estava sempre "à procura do fim do mundo"; havia um escrivão, "que se vendia por mordomo do rei"; outro era um boiadeiro de Minas, "cuja mania era distribuir boiadas a toda a gente". Machado nos oferece aqui, decerto, apenas a caricatura da loucura, sua face mais óbvia, delirante. Não há qualquer problematização, visto que os personagens são mostrados como peças inteiras, sem fissuras. São loucos. Esse *dentro* da Casa Verde não se diferencia do espaço da rua senão pelo fato de que reúne em um só lugar aqueles que andavam soltos ou trancafiados em suas próprias casas. A ausência de conflitos poderia se explicar, portanto, pelo fato de que, até então, a Casa Verde guardava apenas os signos mais aberrantes da loucura. Poderíamos, ainda assim, perguntar: quais as consequências desse novo convívio entre os loucos, antes dispersos e livres?

Outro momento em que a narrativa se volta para dentro da Casa Verde está também no Capítulo II, quando o narrador descreve o inquérito feito pelo Doutor Bacamarte acerca da vida de seus pacientes (p. 258), já citado aqui anteriormente. Mas se ali temos um breve mas importante quadro da terapêutica do alienista, mais uma vez não há qualquer descrição das respostas comportamentais de seus pacientes. Quais as recusas e consentimentos surgidos no interrogatório? Até que pon-

to a técnica do Doutor Bacamarte funcionava com os diferentes casos, já que a narrativa mostra idas e vindas na teoria do médico? O interrogatório é mostrado sem conflitos, não ganha a forma dramática do diálogo; somos apenas informados por meio de uma descrição.

O Capítulo XIII traz uma visão um pouco mais abrangente. Depois de recolher à Casa Verde aqueles nos quais identificara alguma "perfeição moral" (p.285), o alienista parte para a utilização de um sistema terapêutico, assim resumido: "Cada beleza moral ou mental era atacada no ponto em que a perfeição parecia mais sólida" (p.285). E completa o narrador: "e o efeito era certo. Nem sempre era certo. Casos houve em que a qualidade predominante resistia a tudo". A narrativa, no entanto, não focaliza essa "resistência", apontando para ela apenas como modo de realçar o que realmente vem à cena: o momento da cura. O que importa ao autor nessa passagem é, evidentemente, ironizar a frágil consistência das virtudes humanas, donde a importância secundária do processo anterior à dissolução da "doença".

Essas três passagens mostram os momentos em que o conto se demora, com maior ou menor extensão e efeito narrativo, na representação da vida asilar. Outras poucas incursões, menos significativas, aparecem espalhadas, não chegando nunca a focalizar o indivíduo no enfrentamento de sua nova condição.

Eis a questão mais importante quanto à *visibilidade* da verdade: Machado de Assis, em "O Alienista", trata tão-so-

mente de uma parte do fenômeno da exclusão social: a *parte visível*. Todo o conflito dá-se extra-muros, sem que os internos existam como forças, ainda que submetidas ao poder magnânimo do médico. Ou ainda, as aprovações e reações adversas ao trabalho/método do Doutor Bacamarte ocorrem nas instâncias externas à Casa Verde, numa visibilidade absoluta. O intra-muros permanece calado ou apresentado somente de modo tático, isto é, quando indispensável para o andamento da narrativa. Sem penetrar efetivamente dentro da instituição criada pelo seu conto e, num óbvio prolongamento, pela realidade médica de seu tempo, Machado de Assis parece evitar um deslocamento para o lugar do *outro*. O conto não sai do universo do drama pequeno burguês, emprestando apenas aos políticos, aos pequenos comerciantes, aos profissionais liberais e aos governantes o poder de movimentar a narrativa. Mas não seria esse o melhor retrato da dinâmica dos poderes? Como escutar a voz dos que sucumbiram ao enclausuramento de uma casa de orates dona de poderes quase divinos? Nessa medida, é possível reconhecer na ausência da voz do *outro* - o asilado, o louco, o desajustado - uma mimesis dessa mesma ausência na história do poder/saber.

Retornando ao aspecto analítico do emparedamento das instituições: os muros da Casa Verde podem, agora, ser entendidos como um elemento cujo valor de análise vai além do aspecto temático, constituindo-se num condicionante da própria construção textual. Resguardando, di-

gamos, a intimidade das forças desencadeadas pela produção da verdade, os *muros da instituição barram o texto* de Machado de Assis. O conto, assim, termina por reproduzir o muro, sua presença e poder, exatamente por não o atravessar, ou porque só o faz de modo inexpressivo.

Seria possível, a partir dessa constatação, pensar numa *densidade dos corpos narrados*, mais ou menos passíveis de penetração pelo discurso ficcional. Toda uma teoria poderia ser proposta a partir dessa idéia: alguns discursos, incluindo os não literários, estariam mais aptos que outros para atravessar determinados corpos; poderíamos medir a qualidade de um texto a partir de sua força "física"; caberia pensar certos objetos considerando-se suas densidades, avaliando os resultados de seus enfrentamentos com um texto ou um conjunto de textos; assim por diante.

Nesses termos, ou nem tanto, "O alienista" poderia ser pensado menos como um texto *fraco* - incapaz de atravessar os muros que silenciam a voz do *outro* - do que como uma escrita que optou pelo atrito com o visível. Antes de tudo, será preciso reconhecer que o conto *não é sobre a loucura e os loucos*. Ao invés de tratar do silenciamento do desajustado, Machado trata das narrativas engendradas pelo poder. A paródia não se faz a partir de uma voz? "O alienista" trabalha com a parte narrável das estruturas de poder, deixando silenciadas as partes que não entram no jogo senão como silêncios manipulados.

O objeto do conto é, enfim, a relação entre a sociedade e a instituição psi-

quiátrica, tratados como corpos sem qualquer densidade, já que se baseiam em idéias sem qualquer consistência. Diferentemente do prosaico muro da Casa Verde, as verdades parecem construídas a partir de materiais extremamente frágeis. O conto consegue manter seu alto grau de humor em função mesmo dessa mobilidade de algo que deveria parecer estável, das verdades que deveriam permanecer estáveis como... verdades. E ainda, a ironia machadiana esmera-se em nos mostrar algumas narrativas aparentemente sólidas - o amor, a amizade, a representação política, a ciência, a religião, o Estado - como corpos que se vão montando e desmontando, oscilantes entre a rigidez máxima num momento e a total flacidez que adiante leva a um outro estado de endurecimento. Quando uma teoria do Doutor Bacamarte se estabelece e se desmancha para dar lugar a outra, ou quando as reações da população em geral e dos políticos variam de acordo com interesses momentâneos, o que se tem é uma descrição de traços que num dado momento são extremamente rígidos - formam uma identidade, um valor - mas que em seguida se vão diluindo até se transformarem numa outra coisa - uma outra opinião, outra posição política, outra teoria sobre a loucura, enfim, outra verdade.

Em "O alienista", a visibilidade do gesto, por exemplo, tem valor absoluto, vale por uma confissão, vale por uma identidade, diz quem é o louco, o são, o poder, etc. As palavras, os discursos, as atitudes, são visibilidades absolutas, valem em si; são suficientes para a leitura, para a interpretação,

para serem verdade - não exigem qualquer penetração. Para o Doutor Bacamarte tudo serve como elemento para a produção da verdade. O próprio narrador parece livrar-se, desse modo, da tarefa de contar as consequências da internação, do novo cotidiano criado depois dela, pois só há o gesto, só ele nos é contado: "foi recolhido à Casa Verde", "meteu na Casa Verde", etc.

O próprio Doutor Simão Bacamarte é apenas *gesto*. O que o narrador nos diz dele? "Homem de ciência, e só de ciência, nada o consternava fora da ciência" (p.259); sua alegria era "própria de um sábio, uma alegria abotoada de circunspeção até o pescoço" (260); "frio como um diagnóstico, sem desengonçar por um instante a rigidez científica" (p.266); "Impassível como um deus de pedra" (p.277). Quando esperamos do médico alguma flexibilidade, afinal uma capacidade humana que permite a adaptação ao real e a superação de obstáculos, encontramos, patética, a rigidez. O efeito humorístico é conseguido, mais uma vez, no jogo entre rigidez e flexibilidade, cabendo lembrar que, para Bergson, sempre que tivermos o *me-cânico no vivo*, teremos a comicidade.

Bacamarte é, decididamente, um personagem *plano*, não no sentido de que lhe falta interioridade ou conflito por uma falha da narrativa: sua condição plana corresponde a um modo de construção que permite ao narrador manipular o personagem, que oscila entre o rígido e o flexível, respondendo sempre como um boneco. O caráter plano desse e de todos os

outros personagens deixa ver que não há, de fato, qualquer psicologia. Esse "vazio" é possível graças à exacerbação de um distanciamento - que só a modernidade, mais adiante, viria colocar em prática - distanciamento que faz ver claramente os modos de produção da verdade e, por conseguinte, aponta para a artificialidade dos valores e para o jogo das convenções que se querem passar por condições naturais. O distanciamento machadiano não deixa lugar nem mesmo para uma possível piedade com os excluídos - nenhum princípio ético ou moral faz com que a narrativa se ponha *ao lado de*.

Machado de Assis joga, efetivamente, com planos, com visibilidades absolutas, com excessos, com falhas que não se podem esconder, e que, por isso, prestam-se mais que tudo ao traço caricatural. Os retratos da sociedade brasileira e de sua medicina social ganham força exatamente porque são vistos desse modo, como corpos em jogo, manipulados por um narrador que lhes aponta, todo o tempo, a rigidez, a máscara, o estereótipo. O texto pode prescindir da descrição do cotidiano dentro da Casa Verde porque sua escrita nasce fora da explicação, da psicologia, da verossimilhança, permitindo-se o jogo, o humor, a lacuna. Quando os personagens passam à condição de excluídos, saem, efetivamente, de cena, pois Machado parece satisfeito em trazer e a esse conto bufo somente a anatomia visível - risível - do poder.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MURICY, K. (1988) *A Razão Cética*. São Paulo: Companhia das Letras.

FOUCAULT, M. (1979) *Microfísica do Poder*. Org e trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal.

GOFFMAN, I. (1974) *Manicômios, Prisões e Conventos*. Trad. Dante Moreira Leite, São Paulo: Perspectiva.

BERGSON, H. (1980) *O Riso; Ensaio sobre a Significação do Cômico*. Trad. Nathanael C. Caixeiro, Rio de Janeiro: Zahar.